

O negro no audiovisual brasileiro

Exposição para Audiência Pública Inclusão profissional
negras e negros nas redes de televisão – MPT
JOEL ZITO ARAÚJO

Algumas obviedades precisam ser ditas para começarmos este debate. O segmento audiovisual é aquele na sociedade brasileira em que o racismo estrutural do país trouxe os resultados mais dramáticos. Todas pesquisas existentes demonstram que a telenovela, assim como o cinema brasileiro, sempre negaram uma representação da diversidade racial brasileira, um país de minoria branca com uma população afrodescendentes constituída de pretos e pardos, que corresponde ao montante de 54,9% do total de uma população de 205 milhões de habitantes¹, conforme a última PNAD de 2016 do IBGE, órgão oficial de estatística do Estado brasileiro.

Uma pesquisa do GEMAA² sobre *A cara do cinema nacional* é bastante ilustrativa da ausência de negros e negras no setor audiovisual brasileiro. Buscando avaliar o conteúdo dos filmes mais vistos a cada ano, no período entre 2002 e 2014, para mapear a diversidade de gênero e racial, e compreender o papel que esta diversidade assumiu nos filmes, este núcleo de pesquisa trouxe os seguintes resultados:

¹ PNAD-C Distribuição da população por cor e raça de 2016. Ver: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>

² O **GEMAA** (Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa) é um núcleo de pesquisa com sede no IESP-UERJ, criado em 2008 com o intuito de produzir estudos sobre ação afirmativa a partir de uma variedade de abordagens metodológicas.

- dos 919 atores e atrizes mapeados na pesquisa 71% eram do gênero masculino, contra 28% do gênero feminino e 1% de pessoas trans;
- Uma “Desproporção similar de participação se verifica quanto à cor das personagens: branca (65%), preta (18%), parda (14%), não identificada (2%) ou indígena/amarela (1%)”;
- também à frente das câmeras a desigualdade é evidente. Nas obras de longa metragem lançadas neste mesmo período, 80% têm como realizadores homens brancos, 14% são mulheres brancas, 2% são homens negros e 0% são mulheres negras³.

A ANCINE – Agencia Nacional de Cinema, em estudo recente realizado por sua Superintendência de Análise de Mercado, sobre *Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016*, confirmou as pesquisas do GEMAA. Trata-se do primeiro estudo com este recorte realizado pela ANCINE. Trabalhando como universo de pesquisa os 142 longas-metragens lançados comercialmente naquele ano, constituído por 97 ficções, 44 documentários e uma animação, constatou que:

- Os homens brancos assinaram a direção de 107 destes filmes, que corresponde a 75,4% do total;
- As mulheres brancas dirigiram 28, igual a 19,7%;
- Os homens negros somente 3, ficando na percentagem ínfima de 2,1%.
- E em nenhum deles foi dirigido ou roteirizado por uma mulher negra.
- “A análise apontou o domínio de homens brancos não apenas na direção, mas nas principais funções de liderança no cinema, o

³ MORATELLI, Gabriela e CÂNDIDO, Márcia Rangel. **A cara do cinema nacional (2002-2014): o perfil de gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros**. Coordenação de Verônica Toste e João Feres Junior. GEMAA-IESP-UERJ. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>

- que evidencia que as histórias exibidas nas telas do país, produzidas por brasileiros, têm sido contadas majoritariamente do ponto de vista dos homens: 68% deles assinam o roteiro dos filmes de ficção, 63,6% dos documentários, e 100% das animações brasileiras de 2016. Os homens dominam também as funções de direção de fotografia (85%) e direção de arte (59%).
- A participação nos elencos das obras também mostra a sub-representação da população negra. (...)o percentual de negros e pardos no elenco dos 97 filmes brasileiros de ficção lançados em 2016 foi de apenas 13,4%”.⁴

Televisão

O segmento audiovisual mais bem sucedido no Brasil em termos de público e lucratividade, e também extremamente rentável em termos de exportação⁵, sempre foi as telenovelas. Em um terço daquelas produzidas em seus primeiros 35 anos de história, no período de 1963-1998, estudado em meu livro *A Negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira*⁶, não apareceu pessoas negras nem mesmo como figurantes. Nos outros dois terços, 90% dos personagens afro-brasileiros, representavam os negros como destinados a serem eternamente subalternos, a servir as elites e a classe média branca. E nas poucas novelas que abordavam o persistente racismo da sociedade brasileira, a figura salvadora era sempre uma branca, um estereótipo

⁴ ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual. 25/01/2018. <https://www.ancine.gov.br/pt-br/sala-imprensa/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-g-nero-e-ra-no-mercado>

⁵ SANTOS, Lidia. A telenovela brasileira : do nacionalismo à exportação. *Caravelle. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien* Année 2000 75 pp. 137-150. Fait partie d'un numéro thématique : *Nouveaux Brésils – Fin de siècle*.

⁶ ARAUJO, Joelzito. *A Negação do Brasil – o negro na telenovela brasileira*. Ed. Senac, SP, 2001.

inspirado no mito da princesa Isabel, sempre celebrada em nossa história como aquela que assinou a abolição da escravidão no Brasil.

Em levantamento do GEMAA⁷ sobre as telenovelas exibidas entre 1985 e 2014 constatou-se também que houve apenas 8,8% de atores ou atrizes não brancos contratados em suas produções.

O quadro na televisão não é diferente, embora tenha havido recentemente importantes marcos de maior protagonismo. Levantamento do GEMAA⁸ sobre as telenovelas exibidas entre 1985 e 2014 mostra que houve apenas 8,8% atores ou atrizes não brancos. Embora o quadro de representação venha melhorando, o crescimento é muito lento. O quadro dos últimos cinco anos do levantamento é de 12%, ainda bastante tímido.

No último período, tem havido, é verdade, esforços relevantes de maior protagonismo negro. A novela “Da cor do pecado” (2004) foi a primeira a ter uma negra no papel principal. Depois dela, algumas novelas repetiram o protagonismo de atrizes negras. “Lado a lado” teve papel importante em mostrar também temáticas negras. E, a partir de 2015, entrou na grade da TV Globo o seriado “Mister Brau”, comédia protagonizada por Taís Araújo e Lázaro Ramos que trata do tema do preconceito racial e social.

Embora a presença de protagonistas negras e negros venha crescendo, a situação em relação aos realizadores – autores e diretores principais – das novelas é dramática. O estudo do GEMAA buscou analisar também este aspecto para o período de 1985 a 2014, e nos vinte anos nenhuma novela teve como autor ou diretor principal uma pessoa negra. No mês de abril de 2017, a Globo, principal realizadora de dramaturgia na televisão brasileira, divulgou a inauguração da Casa

⁷ CAMPOS, Luiz Augusto e JUNIOR, João Feres. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985-2014). Plural Revista de Ciências Sociais. V. 23, n. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380/115938>

⁸ CAMPOS, Luiz Augusto e JUNIOR, João Feres. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985-2014). Plural Revista de Ciências Sociais. V. 23, n. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380/115938>

dos Roteiristas, que reunirá seus talentos de criação. Os oito autores que supervisionarão os trabalhos são homens brancos⁹.

Os exemplos trazidos aqui são ilustrativos, não exaustivos, já que não há levantamento sobre o trabalho dos canais pagos na TV a cabo e de todas as emissoras no Brasil. São, contudo, exemplos representativos, já que a Globo é a principal produtora de dramaturgia do país e da América Latina e as novelas são seu carro-chefe em termos de visibilidade e volume de programação. É preciso salientar também que na televisão aberta, diferente da TV a cabo, a programação é quase toda realizada pelas próprias emissoras. Na televisão por assinatura, tem havido um crescimento do percentual de produção independente depois da lei 12.485/11. As horas ocupadas por este tipo de conteúdo passaram de 1% em 2009 para 11% em 2016¹⁰. Mas seriam necessários estudos específicos para compreender se a diversificação de produtores gerou também diversidade racial e de gênero dos criadores.

Ao qualificar os papéis ocupados, o estudo afirma:

“pretos e pardos foram preponderantemente associados à criminalidade, pobreza, ausência de protagonismo e a locais de moradia precários de modo tão intenso que a representação cinematográfica produzida aprofunda mais do que apenas reflete nossas desigualdades” (GEMAA)

Joel Zito Araújo
RJ - 13/08/2018

OBS- Este texto não é para publicação, mas pode constar nos Anais da Audiência Pública Inclusão profissional negras e negros nas redes de televisão – MPT

⁹ <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/globo-cria-local-de-trabalho-reune-talentos-sob-batuta-de-guel-arraes-21275577>

¹⁰ Dados da Superintendência de Acompanhamento de Mercado da ANCINE